

Mirações daimistas: as representações imagéticas da comunidade de Cachoeira Grande-RJ

Denis Nascimento Vilela*

Resumo: Analisamos uma comunidade daimista realizando um paralelo entre a memória coletiva e as “visões coletivas” produzidas pelo daime, refletindo sobre a construção social das imagens. As “mirações” (visões provocadas pela bebida) como narrativas visuais fazem parte de uma representação imagética do grupo. Utilizamos os conceitos de Halbwachs sobre “memória coletiva”, analisando os significados de uma memória partilhada por um grupo social relativamente homogêneo. Supõe-se que há uma forte relação entre a formação de uma consciência ecológica e a construção de uma identidade social para o grupo focalizado. O aspecto identitário do grupo permite perceber a construção de uma memória coletiva, espécie de consciência coletiva que vem se formando ao longo do tempo, observado através de narrativas, relatos e rituais, nos quais esta memória se expressa.

Palavras-chave: Santo Daime. Representações imagéticas. Memória social.

Abstract: The aim of this paper is to analyze a community that uses the sacred beverage “daime” (also know as ayahuasca), making a relation between the collective memory and the “collective visions” produced by the drink, reflecting on the social construction of the images. The “*mirações*” (visions provoked by daime) as visual narratives are part of a visual representation of the group. We used Halbwachs concepts about the “collective memory”, analyzing the meanings of a memory that is shared by a relatively homogeneous social group. It is assumed that there is a strong relation between the creation of a ecological conscience and the construction of a social identity for the related group. The identity aspect of the group allows to see the construction of a collective memory, a form of collective conscience that had being formed throughout the time, observed through narratives, reports and rituals in which this memory is expressed.

Keywords: Santo Daime. Visual representations. Social memory.

* Bacharel em Produção Cultural, Mestrando em Memória Social/UNIRIO.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo analisar uma comunidade daimista estabelecida na região de Cachoeira Grande, APA de Petrópolis, Magé-RJ, refletindo sobre a relação entre o uso de plantas psicoativas e o campo da memória social. Um dos objetivos da pesquisa é realizar um paralelo entre a memória coletiva e as “visões coletivas” produzidas pela bebida daime, analisando a construção social das imagens. Desse modo, procuramos estudar as “mirações” (visões provocadas pelo daime) como narrativas visuais e parte de uma representação imagética do grupo. Como referencial teórico utilizamos os conceitos de Maurice Halbwachs sobre “memória coletiva”, relacionando algumas de suas idéias com o caso estudado, refletindo sobre os significados de uma memória partilhada por um grupo social relativamente homogêneo. Neste estudo, supõe-se que há uma forte relação entre a formação de uma consciência ecológica e a construção de uma identidade social para o grupo focalizado. O aspecto identitário do grupo nos permite perceber a construção de uma memória coletiva para o grupo, uma espécie de consciência coletiva que vem se formando ao longo do tempo, e que pode ser observado através de narrativas, relatos e rituais, nos quais esta memória se expressa.

A região conhecida como “Cachoeira Grande” fica situada na área rural de Piabetá – Magé (RJ). O local fica situado dentro da APA (Área de Proteção Ambiental) de Petrópolis, sendo uma reserva ecológica de grande beleza natural, com cachoeiras e uma rica diversidade de fauna e flora. Além de um patrimônio natural, a região também conta com um importante patrimônio cultural. Ali era rota de passagem de D Pedro I, no local hoje conhecido como “Estrada do Matão”. Em Cachoeira Grande existem diversos sítios de daimistas (pessoas ligadas ao Santo Daime ou ao uso do daime em geral), e é possível se deparar com uma pluralidade de visões relacionadas ao uso da bebida.

A Construção Social das “Mirações”

O Santo Daime é uma religião brasileira fundada na década de 1930, em Rio Branco (AC), por Raimundo Irineu Serra. É uma doutrina híbrida, incorporando sistemas religiosos diversos como o cristianismo, espiritismo, ritos indígenas e africanos, centralizados no uso da bebida indígena *ayahuasca*. A ayahuasca, ou daime¹, é uma bebida que causa visões com um forte histórico de uso religioso em comunidades indígenas da Amazônia, e que foi rebatizada

¹ Ao longo do texto a palavra será usada em minúscula (daime) para se referir à bebida e em maiúscula (Daime) para designar a doutrina Santo Daime.

por Irineu Serra como *daime*. O termo “ayahuasca” é “quíchua”², e pode ser traduzido como “cipó dos mortos” (MCKENNA, 1995). Na cultura daimista, a *miração* designa as visões provocadas pela ayahuasca. É um estado de êxtase, uma experiência transcendental, cognitiva, que se manifesta sob diversas formas, em visões significativas, revelações espirituais, insights sobre o cosmos. O termo remete a uma idéia de visão, e um jogo de palavras com miragem. Mas a *miração* é justamente o contrário da miragem, esta última relacionada ao que é “falso”, “ilusório”.

Uma das questões investigadas nesta pesquisa é justamente a construção social das imagens presentes nessas mirações. Os relatos dessas experiências extáticas são ricos em narrativas visuais, misturando referências múltiplas, símbolos, lendas, etc.: “Esta é, portanto, a síntese do conhecimento mais verdadeiro, tecida a partir de símbolos, concatenações e imagens que se acham disponíveis no inconsciente coletivo da Humanidade. É como se Deus falasse diretamente ao nosso entendimento por meio de parábolas vivas” (ALVERGA, 1992:65).

Neste trecho poderíamos achar um paralelo com as teorias de Halbwachs. Parafraseando o autor podemos dizer que a *miração* é “tecida a partir de símbolos, concatenações e imagens que se acham disponíveis na sociedade”. Para Halbwachs (1990:77) as imagens: “[...] não subsistem, em alguma galeria subterrânea de nosso pensamento, imagens completamente prontas, mas na sociedade onde estão todas as indicações necessárias para reconstruir tais partes de nosso passado.”

Neste trabalho são analisadas imagens presentes tanto em hinos e mirações (visões), como em atividades da vida diária, da natureza que envolve a região e do imaginário social que cerca os moradores e freqüentadores de Cachoeira Grande. Desta maneira se pode contemplar um universo mais amplo de imagens, que se sobrepõe e se inter-relacionam em muitos casos. No caso dos hinos, que na doutrina do Santo Daime são canções mágicas recebidas do “Astral”, realizamos uma análise do hinário do Mestre Irineu, que seria o texto principal e fundador da doutrina do Santo Daime, e os *Poemas Místicos* de Fileto, daimista morador de Cachoeira Grande. Construimos algumas categorias imagéticas. Por um lado, temos oportunidade de analisar imagens imateriais, relacionadas às mirações, que fazem parte do plano do intangível. Por outro lado, temos as imagens materiais ou “fotográficas”, que dão conta de cenas e relatos vivenciados pelo corpo físico, do plano do tangível, como lugares, pessoas e vivências. Observamos como esse complexo sistema imagético está relacionado à

² Língua indígena da América do Sul.

construção de uma identidade local a partir da observação de alguns pontos que relatados a seguir.

É importante ressaltar o papel do grupo e seu aspecto coletivo no ritual do daime, inclusive no que se refere à construção das imagens. A doutrina do Santo Daime fala na formação de uma “corrente” durante o ritual, uma força estabelecida pelo grupo. A “corrente” tem mais um sentido espiritual, mas ainda é possível relacioná-la às “correntes sociais” que vemos em muitas discussões sociológicas. A “corrente” no ritual do daime é uma força estabelecida pelo grupo e quando todos estão focados e firmes a “corrente” é boa, sua principal característica para os daimistas é ser uma corrente espiritual, mas isto não exclui o fato de acreditarem que idéias, pensamentos e imagens que o indivíduo ou grupo carregam podem “cair” (aparecer) na corrente. O DMT, substância psicoativa encontrada na ayahuasca/daime foi nomeada primeiramente como telepatina devido às suas características de telepatia (MCKENNA, 1995). Em muitas tribos indígenas que utilizam a bebida, foi e ainda é forte o papel das visões em grupo.

As imagens presentes nas “mirações” estão relacionadas a uma dinâmica de construção social. Assim, “luzes” e “palácios de cristal” são identificados de forma positiva, enquanto “demônios” e “escuridão” adquirem um aspecto negativo. Sensações incômodas durante a experiência, como enjôo e suor, também às vezes são amplificados e associados ao “nojento”.³ Em alguns momentos dos rituais é comum surgirem imagens desconexas ou “indesejáveis”. Também é preciso apontar para uma narrativa de valorização da identidade mestiça, do índio, referências à floresta, ao negro, santos, caboclos, e um legado historicamente construído. Alguns hinos e mirações guardam eventos biográficos, ou que falam de uma determinada situação do grupo, funcionando como um registro daquele contexto.

Esse debate a propósito das narrativas visuais pode revelar uma face interessante da discussão no campo da memória social sobre práticas interacionistas, e uma construção ativa do significado para além de quadros sociais anteriores. Mckenna (1995) analisa uma curiosa idéia sobre o poder de “adaptação cultural” da *ayahuasca*. Utilizada em tribos indígenas da bacia amazônica, reconstruída nos meios urbanos, exportada e re-elaborada nos mais diversos contextos ao redor do mundo, o daime parece mesmo ter uma grande capacidade de adaptação a diferentes ambientes culturais. Esses fenômenos mostram uma mediação entre os quadros sociais anteriores e práticas interacionistas. Nas “mirações”, as imagens parecem trabalhar

³ Todas essas categorias construídas se constituem a partir de quadros anteriores da memória.

justamente com estes dois eixos: dialogando com uma construção social anterior, e ao mesmo tempo, com uma reconstrução ativa dessas bases. Como já apontava Durkheim (1977): “O fato de as crenças e práticas sociais nos penetrarem do exterior não implica que as recebamos passivamente, sem lhes trazer modificações”. Por exemplo, mestre Irineu, fundador do Santo Daime, serviu no exército, o que mais tarde se revelou uma influência marcante na construção da doutrina. Nas suas visões e hinos estão presentes elementos como a “batalha”, a “guerra” e a “disciplina”. Irineu também conheceu o daime no Acre, tendo contato com caboclos e tribos indígenas enquanto trabalhava como seringueiro. No Santo Daime esse passado da ayahuasca aparece na forma de uma valorização da “floresta”, do caboclo e do índio.

Na “Barquinha”, outra religião ayahuasqueira do Brasil, ocorre um caso semelhante. Seu fundador, mestre Daniel, havia sido marinheiro, um passado que aparece expresso no próprio nome da doutrina “Barquinha” e na sua identificação com o mar. Os membros usam algumas vezes uma indumentária de marinheiro, e muitas visões e cânticos têm o mar como tema (VILELA, 2006).

Contudo, devemos evitar o risco de reduzir a complexidade do fenômeno. Existem outras imagens presentes nestas doutrinas relacionadas ao esoterismo, budismo, umbanda, arte, ciência, futurismo, elementos que vão se inserindo e dialogando com contextos particulares. Por isso mesmo, tanto o Santo Daime como a Barquinha se entendem como doutrinas “abertas”, na medida em que recebem novas informações e as incorporam. Desse modo, busco explorar a construção social desses “arquetipos imagéticos” contidos nas visões, e a dinâmica de memória com a *ayahuasca*, que reconstrói ativamente o passado no presente. Em Cachoeira Grande essa questão pode ser observada de diversos ângulos. Construções sociais e imagéticas em geral, como “luz” representando aspectos positivos, enquanto “sombras” e “escuridão” se identificam com aspectos negativos. Já com uma bagagem de memória associada ao Santo Daime, temos visões relativas ao índio, a floresta, a animais e a divindades. Além disso, o “passado” de cada *ayahuasqueiro* local também se sobressai nos rituais, imagens e hinos. Os rituais realizados por eles em conjunto são interessantes na medida em que mesclam e hibridizam quadros sociais diversos. A experiência com o daime dialoga através de imagens cheias de significado social, por exemplo, a figura da “mãe” é identificada com a da Virgem Maria. Representações do mundo natural aparecem em imagens como o beija-flor, a cobra e a floresta, entre outras, enquanto o mundo sobrenatural se manifesta em visões de espíritos e “seres encantados”.

Em uma análise preliminar dos hinos e *Poemas Místicos*, de Fileto Maciel foi possível observar que alguns elementos se destacam. Nos *Poemas Místicos*, são recorrentes imagens

ligadas ao “trabalho”, “suor”, “calos na mão”. Ao longo do período de campo e nas entrevistas realizadas, pude constatar que essa questão do “trabalho”, e “trabalhar na terra”, são valorizados em seu discurso e determinante na formação de sua identidade.

Outra característica dos *Poemas Místicos* são suas narrativas estruturadas a partir de dualidades, dicotomias, e encadeamento de “causa e efeito”. Essa dualidade foi observada nos outros trabalhos literários de Fileto. Nos *Poemas*, o homem é gente ativo no processo de causa – efeito, que vai aproximá-lo ou afastá-lo da natureza (e da “verdade” por assim dizer). Desse modo, evidenciou-se a importância de analisar essa estrutura de oposições, e não apenas destacar imagens isoladas como “sol”, “lua”, “estrela”.

Imagens da “Miração”, Imagens da Vida Cotidiana

É comum muitas vezes ao se conversar com pessoas que fazem uso da bebida ayahuasca, ou daime, escutar relatos de imagens por elas vistas ou “miradas” que remetem a natureza, seres encantados, panteões religiosos e também de demônios ou de figuras obscuras. Estas figuras remetem a imaginários diversos que servem de mananciais para tais *mirações* como fontes inspiradoras. Conforme nossa análise indicou, os *hinos* trabalham inúmeras categorias imagéticas, funcionando como um mapa oculto de trabalho de variadas questões imagéticas. Assim, não é difícil entender porque muitos psicólogos se interessaram pelo daime, como uma poderosa ferramenta capaz de trazer à tona imagens do inconsciente. Aliás, na análise dos hinos uma categoria imagética que se sobressai é a “família”. “o pai”; “a mãe”; “o filho”; “os irmãos”. Outra categoria-chave seria “natureza”, incluindo aí animais diversos, flores, paisagens, etc.

As imagens de natureza não são apenas presentes nas *mirações*, mas também nos hinos, nas origens da doutrina, no Acre, em suas bases em meio à floresta amazônica. Os seres encantados também aparecem, nos hinos e como parte do próprio imaginário de natureza. Por sua vez, os panteões religiosos que remetem a Jesus Cristo, Virgem Maria, aos santos católicos, e a pretos velhos, entidades “africanas” e indígenas, fazem parte também de todo um imaginário que abrange várias religiões, próprio do Brasil, muitas vezes hibridizadas. O Santo Daime também carrega um sentimento de “brasilidade”, patriotismo, ele é uma metáfora da própria construção da identidade brasileira como sendo resultado da mistura de elementos brancos, africanos e indígenas. Parece um tanto natural que estas imagens tenham sido incorporadas às *mirações* provocadas pelo daime.

Ainda resta pensar nas imagens que remetem a demônios ou a figuras obscuras como parte também de um imaginário que dualiza o bem e o mal e os opõe. As figuras positivas são

muitas vezes identificadas, entre outras, como passarinhos, Nossa Senhora, flores, fadas, etc. Ao mesmo tempo em que o mal é identificado com demônios, animais ferozes, garras, cores fortes como vermelho e preto, imagens distorcidas, desfiguradas.

Há imagens na miração relacionadas com o “tema da realeza”, na expressão de Labate (2000): “coroa”, “príncipe”, “princesa”, “rei”, “rainha”, “reinado”, “Império”, “Corte Celestial”, etc. Categoria esta que também é freqüente na tradição católica. Outra categoria-chave seria o tema da “luz” e imagens relativas: “brilho”, “luminária”, “cristal”, “dourado”, “prateado”, etc.

A questão das imagens provocadas pela bebida, e os imaginários culturais relacionados, devemos analisar outra categoria de imagens: da vida real, do cotidiano. É freqüente presenciar ou escutar a narrativa de eventos como discussões, desavenças, agressões físicas, entre outros. Cito alguns exemplos destes eventos, pouco comentados, tidos como “negativos” e que muitos preferem esquecer, mas que podem dizer muito sobre as *mirações*. Em Cachoeira Grande, em conversa com L., daimista, ele relata que um dos motivos de morar no local é que antes morava em outra localidade e freqüentava alguns rituais mas não era fardado, foi agredido por um outro freqüentador, inclusive com um facão. Ele diz que de alguma forma despertou um sentimento de inveja nesse fardado, que justificou seu ataque dizendo ter tido uma *miração* na qual deveria matá-lo.

Em Cachoeira Grande pude escutar outros casos, como o do P. A. que diz ter chegado até a região através de um sonho. Um dia, quando visitou a cachoeira, reconheceu o lugar como sendo o mesmo do sonho, e acabou por comprar um sítio recentemente. Segundo A., foi uma revelação divina que o levou até lá. Fato semelhante também foi relatado por L. C., ex-proprietária de um sítio na região. Ela dizia ter tido uma *miração* com a região, e um dia conheceu o local e o reconheceu como sendo o mesmo. Estes também são alguns outros casos em que o “real” se mistura com o “visionário”, digamos assim. É comum religiosos atribuírem um sentido “espiritual” para lugares, objetos, ou fazendo escolhas com base em sonhos e “visões”.

Considerações Parciais

Como parte das conclusões obtidas até o presente momento, pude observar que o grupo social focalizado valoriza o aspecto considerado ecológico no uso ritual do daime, explicitando a noção de auto-sustentabilidade e reivindicando o reflorestamento das espécies utilizadas no preparo da bebida. Este aspecto singulariza o grupo focalizado diferenciando-o de outros grupos que também fazem uso ritual da bebida. Estamos, portanto trabalhando com

a suposição de que há uma forte relação entre a formação de uma consciência ecológica com a construção de uma identidade social para o grupo focalizado. O aspecto identitário do grupo nos permite perceber a construção de uma memória coletiva para o grupo, uma espécie de consciência coletiva que vem se formando ao longo do tempo. Temos procurado observar nas narrativas, relatos, rituais e em elementos que compõe a paisagem local todo um discurso ligado a preservação ambiental e a vida em natureza. Dessa forma também podemos observar como a memória contida nos hinos e poemas místicos, neste trabalho analisados, deixam transparecer uma memória ligada ao lugar e a história de vida de seus moradores e freqüentadores. O que pode ser visto nas narrativas dos *Poemas Místicos* que tratam de temas como: trabalho na terra, suor e recompensa da natureza. Por sua vez os hinos, mesmo falando muito em elementos como sol, lua e natureza, remetem também a outros imaginários como palácios, realeza e seres alienígenas. O que em minha visão reforça a idéia de uma memória que se expressa socialmente e contextualmente.

Referências

- ABREU, Regina. A Doutrina do Santo Daime. In: LANDIM, Leilah (Org.) **Sinais dos Tempos. Diversidade Religiosa no Brasil**. Rio de Janeiro: ISER, 1990.
- FRÓES, Vera. **Santo Daime: Cultura Amazônica**. Manaus: SUFRAMA, 1986.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais Ltda., 1990.
- LABATE, Beatriz C. **A reinvenção do uso da Ayahuasca nos centros urbanos**. Campinas, SP: no prelo, 2000.
- MCKENNA, Terence. **O Alimento dos Deuses**. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória Coletiva e Teoria Social**. São Paulo: Annablume, 2003.
- VELHO, Gilberto. **Nobres & Anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

VILELA, Denis Nascimento. **Príncipes e Sereias: Imaginário e Magia na Barquinha.** Niterói, RJ: Monografia (Graduação em Produção Cultural). Universidade Federal Fluminense, 2006.